

**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de lançamento do Plano Nacional de Turismo 2007-2010**

**Brasília-DF, 13 de junho de 2007**

Meu querido companheiro Arlindo Chinaglia, presidente da Câmara dos Deputados,

Senhores embaixadores acreditados junto ao governo brasileiro,

Minha querida companheira Marta Suplicy, ministra do Turismo,

Meu companheiro Waldir Pires, ministro da Defesa; Miguel Jorge, ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior; Walfrido dos Mares Guia, da Secretaria de Relações Institucionais,

Minha querida governadora do Pará, Ana Júlia Carepa,

Meu caro governador da Bahia, companheiro Jaques Wagner,

Meu caro companheiro governador do estado de Goiás, Alcides Rodrigues Filho,

Meu querido companheiro Cid Gomes, governador do estado do Ceará,

Meu querido companheiro Binho Marques, do Acre,

Nossa senadora Lúcia Vânia, presidente da Comissão de Desenvolvimento Regional e Turismo do Senado Federal,

Senhores senadores,

Minha querida Lídice da Mata, presidente da Comissão de Turismo e Desportos da Câmara dos Deputados,

Senhores deputados federais,

Meu caro Guilherme Paulus, representante do Conselho Nacional de Turismo,

Meu caro Domingos Leonelli, vice-presidente do Fórum Nacional de Secretários de Turismo,

Senhoras e senhores membros do Conselho Nacional de Turismo,

Meus amigos, minhas amigas, prefeitos de várias cidades que estão aqui, meus amigos da imprensa, companheiros,

Em 1905, quando tinha 18 anos de idade, o compositor Heitor Villa-Lobos vendeu a biblioteca de livros raros que o pai dele – o professor Raul Villa-Lobos – lhe deixara como herança e utilizou o dinheiro para viajar pelo Brasil. Nascido no Rio de Janeiro, Villa-Lobos percorreu, inicialmente, os estados do Espírito Santo, Bahia e Pernambuco. Entusiasmado, aventurou-se por Minas, avançou até Goiás, entrou no Mato Grosso, e encheu-se de coragem para desafiar o então impenetrável Amazonas.

Desse mergulho no coração do País, Villa-Lobos trouxe a inspiração para formar uma personalidade musical rica em motivações sertanejas e afrobrasileiras, que ganharia o mundo como uma das obras eruditas de maior colorido popular. Orgulhoso do seu feito, dizia-se um autodidata cujo principal livro fora o mapa do Brasil.

Hoje, felizmente, é possível conhecer o País, assimilar a diversidade cultural de que somos feitos, e conhecer aquilo que nos diferencia e nos une, sem correr riscos nem sacrificar o patrimônio familiar. Portanto, Jaques Wagner, você não terá que vender sua biblioteca, você faz um crédito consignado e pode fazer uma viagem, porque você já está próximo da terceira idade. E aí você pode viajar tranquilo.

O turismo, uma das atividades mais dinâmicas da economia nacional e internacional, se oferece como essa gigantesca janela aberta para a identidade brasileira. Hoje, o turismo é o quinto principal produto da pauta de exportações do Brasil, disputando a quarta posição com a exportação de automóveis. Atenção indústria automobilística brasileira: prepare-se porque o turismo vem aí, ou seja, o turismo parece esse corredor inglês, se não tomar cuidado ele passa os tradicionais pilotos.

Os resultados até agora nos permitem vislumbrar um futuro ainda mais promissor. No ano passado, as 80 principais empresas do setor registraram um faturamento, que você não falou, Guilherme, porque você não quis falar do seu faturamento, o setor registrou um faturamento de 29 bilhões e 600 milhões de reais, um crescimento de 29% em relação a 2005. E o mais importante, o emprego no turismo cresceu 21%.

Além de contribuir para tornar o Brasil mais conhecido ao olhar estrangeiro, e do próprio brasileiro, o turismo aciona uma gigantesca engrenagem de oportunidades de trabalho e renda em diferentes pontos do

nosso território. Em 2006, tivemos um ingresso recorde de visitantes, que gastaram 4 bilhões e 300 milhões de dólares em nosso País. Um salto de quase 12% sobre a receita de 2005, e nada menos que 116% acima do valor apurado em 2002.

Esse desempenho excepcional também se refletiu no movimento das companhias aéreas que operam no Brasil. Mais de 46 milhões e 300 mil pessoas viajaram em vôos regulares e fretados cruzando os céus do País.

Avançamos muito, mas sabemos que precisamos fazer muito mais. Mas também, um país com a enorme riqueza natural e cultural que tem o Brasil merece ser ainda mais visitado. E, sobretudo, o povo brasileiro merece conhecer melhor e mais de perto o país em que nasceu.

Esse é o sentido profundo deste Segundo Plano Nacional do Turismo para 2007 a 2010. Trata-se de construir cada vez mais um lazer que seja também uma visão compartilhada da nossa terra, da nossa gente, da nossa imensa vitalidade econômica, cultural, étnica e ambiental.

Este Plano aponta os rumos que queremos para o setor, e resume todo o esforço empenhado pelo governo, setor privado e sociedade civil para estruturar cada vez mais o turismo no Brasil. Não se trata de promessas de papel. A evolução do setor não deixa dúvidas de que ele se tornou prioridade do governo. Desde a criação do Ministério do Turismo, as senhoras e os senhores são testemunhas do nosso salto de qualidade.

As perspectivas para 2007 são muito boas. Os números do primeiro quadrimestre demonstram que alcançamos quatro novas marcas históricas. Foi só você sair, Walfrido, as coisas começaram a melhorar. Vejam, quais foram as novas marcas históricas? Desembarques domésticos em vôos regulares; desembarques domésticos totais; gastos de turistas estrangeiros no País e a corrente cambial turística, que representa a soma do que os estrangeiros gastam no Brasil com o que os brasileiros gastam no exterior. Portanto, além de mais competitivos, estamos inseridos no mercado mundial do turismo.

Meus amigos e minhas amigas,

Não podemos nos acomodar sobre os bons resultados já alcançados. O vigor do turismo aumenta nossa responsabilidade de expandir a infra-estrutura brasileira para dar maior sustentação a esse crescimento nos próximos anos.

O PAC prevê investimentos de 504 bilhões de reais até 2010, sendo 6 bilhões de reais destinados exclusivamente a ampliar e modernizar os 20 maiores aeroportos do País, além de quatro terminais de carga. Com esse aporte de recursos poderemos receber mais 40 milhões de turistas locais e estrangeiros, sem falar nos investimentos em novas estradas e, porque não, em saneamento e habitação, uma vez que todo investimento que melhora a vida do povo nas cidades, incrementa também o turismo.

Meu desejo, nos próximos anos, é multiplicar as oportunidades para que milhões de brasileiros possam, a exemplo de Villa-Lobos, ampliar seu olhar para dentro do Brasil. Isso não significa descuidar da nossa divulgação no exterior, mas sim de colocar o turismo na cesta de consumo da família brasileira e, com isso, fortalecer também o turismo interno.

Esse é o objetivo, por exemplo, da inclusão de aposentados e pensionistas na cadeia do turismo interno, com acesso a roteiros e pacotes financiados a juros baixos, vou repetir, a juros baixos, através do crédito consignado. Vocês entenderam bem? Juros baixos.

Homens e mulheres que trabalharam toda a vida pelo Brasil terão assim o direito de desfrutar um pouco mais do País que eles próprios ajudaram a construir. A alegria de conhecer ao vivo os cartões postais que povoaram seu imaginário na infância e na juventude contribuirá também para elevar as taxas de ocupação da rede hoteleira nacional, além de garantir maior estabilidade aos trabalhadores do setor de serviços, mesmo fora da alta temporada.

Quando era presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, não foram poucas as vezes que eu ouvi de companheiros e companheiras dizerem que queriam juntar dinheiro para conhecer o Brasil depois que se aposentassem. Mas como não sobrava dinheiro, nem existia uma política para facilitar a realização do sonho, muitos brasileiros nunca puderam conhecer o nosso querido País.

Vivemos um novo tempo. O crédito consignado para o turista aposentado, que pode beneficiar, como disse a Marta, 16 milhões de brasileiros e brasileiras, é apenas uma das fronteiras de expansão do turismo interno nos próximos anos.

Minhas amigas e meus amigos.

O século XXI será marcado pelo desenvolvimento sustentável e pela preservação do meio ambiente. O interesse pela natureza fará do Brasil um destino por excelência. Poucos países do mundo têm o que temos em qualidade e abundância: belezas naturais, praias, rios, montanhas, lagos e muitas florestas. Com o turismo ambiental e com a inovadora política de biocombustíveis, podemos dar ao mundo um forte exemplo de desenvolvimento e respeito ao meio ambiente.

Gostaria de dar aqui os meus parabéns à companheira Marta Suplicy pelo trabalho que está realizando à frente do Ministério. Ela não somente deu continuidade ao empenho vitorioso do ministro Walfrido dos Mares Guia, responsável pelo Primeiro Plano Nacional para o setor, como já conseguiu avançar, colocando novas agendas para o turismo em nosso País.

Meus companheiros e companheiras, se não tiver o meu improvizozinho não valeu a pena eu vir nesta tribuna aqui. Eu quero dizer uma coisa para vocês. Possivelmente algumas pessoas ainda não queiram ter compreensão de que tudo começou quando Deus resolveu planejar o mundo. Quando ele resolveu planejar o mundo, na sua grandeza pensou o Brasil, e pensou o Brasil com os seus rios, com as suas praias, com as suas florestas e também pensou em fazer no Brasil um povo diferente: a gente não tinha que ser todo branco, a gente não tinha que ser todo negro, a gente não tinha que ser todo índio, a gente tinha que ser um pouco da mistura do que é a humanidade hoje.

Então, nós somos um pouco brasileiros/espanhóis, brasileiros/italianos, brasileiros/japoneses, brasileiros/africanos, brasileiros/alemães, brasileiros/americanos, brasileiros/franceses. Hoje, a nossa miscigenação permitiu que criássemos um tipo de gente diferente. Obviamente que não somos melhores do que ninguém e nem queremos ser melhores do que ninguém, mas eu acho que está para nascer ainda um lugar que tenha um povo mais receptivo e mais alegre do que o povo brasileiro.

Esse negócio que as pessoas falam que têm que aprender a falar inglês, aprender francês, aprender espanhol, é muito bonito, mas é fantástico como as pessoas mais humildes deste País conversam em qualquer língua por mímica. Eu duvido que um turista chegue em qualquer lugar do Brasil e deixe de ter uma informação porque o cidadão a quem ele perguntou não sabe falar inglês ou francês. Vai ser sinal, todo mundo é um pouco artista de teatro, todo mundo

vai conseguir explicar e isso faz com que a gente seja um povo diferente e muito diferente. Olha que eu posso dizer isso porque viajo muito o mundo e posso dizer que somos um povo muito especial.

Além disso, eu quero dizer para vocês, Marta, que quando vocês pensaram, já tinha feito aquele plano de turismo para os trabalhadores, e agora vocês pensam nos aposentados, eu quero dizer para vocês uma coisa sagrada, eu sempre fui – depois que me formei torneiro mecânico, entrei na Villares, e depois fui para o sindicato – eu sempre fui um operário bem-remunerado, eu sempre fui acima da média do que ganhava a minha categoria, entretanto, eu nunca consegui fazer uma viagem de turismo com a minha família, porque nunca sobrou dinheiro para eu pegar a família, pagar uma passagem de avião e viajar. Até 1975, viajar de avião era uma coisa tão de luxo que a gente só podia ver avião no domingo quando ia ao aeroporto olhar os bichões pousar e subir. A primeira vez que eu entrei num avião foi porque o Sindicato de São Bernardo, eu já era presidente, me mandou para Brasília para um congresso de Previdência Social. Eu tinha medo, enchi os bolsos de lenços, apertei o cinto de segurança, quase cortando a barriga no meio. Naquele tempo tinha tacinha de champanhe, era chique viajar naquele tempo, nada de plástico, tinha licor de sobremesa. Tudo que a aeromoça ofereceu eu não quis com medo de vomitar. Eu estou falando de um cidadão brasileiro que já naquela época representava a média da classe operária brasileira e da classe operária bem-remunerada e, no entanto, não tinha o direito de viajar.

Hoje, nós percebemos que o mundo mudou e percebemos que as pessoas estão tendo muito mais possibilidades de viajar, porque as pessoas evoluíram culturalmente, as pessoas estão tendo mais facilidades, as empresas de turismo facilitam em prestações suaves, nem tão suaves. Agora vai ser suave. Bem, e eu penso que nós temos uma coisa, Marta, extraordinária, que é provocar os brasileiros a conhecerem o Brasil, a boa provocação para os brasileiros conhecerem o Brasil. Tem companheiros de classe média no Brasil, e eu conheço muitos, que não ganham muito, mas fazem um sacrifício o ano inteiro, às vezes fazem um sacrifício por dois anos, não compram uma roupa, não vão num restaurante para guardar um dinheirinho para, no final do ano, pegar a família, colocar num avião e passar 30 dias na Europa ou passar 20 dias nos Estados Unidos. E nós temos um

mundo extraordinário próximo de nós e que nós temos dificuldade de conhecer. Quer dizer, aí nós tivemos uma reunião com a indústria aérea brasileira, com as empresas de avião no Brasil. O Waldir Pires deve ter feito a reunião esses dias do Conac, porque nós precisamos encontrar um jeito de favorecer os vôos regionais, nós não precisamos ter avião só de 300 lugares, precisamos ter avião de 50 lugares para transportar gente das cidades médias para as capitais, precisamos facilitar, criar as condições.

E aí, Marta, eu quero ser sincero: nós precisamos ocupar melhor o espaço aéreo junto com os nossos irmãos da América do Sul, para que a gente possa transitar entre os nossos países. Nós estamos tão próximos e tão distantes ao mesmo tempo. Por quê? Porque muitas vezes, Marta, o governo é levado a pensar, e os empresários são levados a pensar: antes de fazer qualquer coisa, a gente faz um estudo de viabilidade econômica. Se não deu lucro no primeiro dia, eu não faço. Quando, na verdade, a nossa cabeça precisa funcionar a médio e longo prazo. Eu posso não ter lucro no primeiro ano, mas eu posso começar a ter lucro no segundo ano, e no quarto ano eu já recuperei os prejuízos que eu, teoricamente, tive no primeiro ano. E aí não tem jeito, Marta.

Eu vou dizer uma coisa aqui, eu estou assumindo um contrato de risco. Não tem jeito, o governo tem que ajudar a iniciação de muitas coisas que vão ter que acontecer no Brasil. Nós temos que facilitar para depois a gente começar a recuperar, porque senão prevalece a idéia de que não podemos fazer isso porque vamos perder dinheiro. Mas como a gente vai perder? A gente não tem aquele dinheiro, então, a gente não perde o que a gente não tem, a gente apenas vai deixar de ganhar. Mas a gente não ganha com imposto, a gente ganha com emprego, a gente ganha com a renda, a gente ganha com a circulação das pessoas. E essa, Marta, é uma revolução que tem que ter na cabeça de todos nós. Uma revolução. Não é uma coisa que a gente fala no microfone e acontece. É preciso começar a construir essa nova mentalidade que nós queremos para o Brasil. E nós estamos num momento, gente, em que nós temos condições de pensar coisas novas.

Desde que eu era adolescente, desde que eu comecei a minha vida política, aos 20 anos, esse Brasil passou 30 anos discutindo inflação, depois passou 30 anos discutindo juros – é que eu estou vendo muitos políticos aqui –

a base das nossas campanhas era falar de inflação e de juros, e teve um tempo que era falar do FMI. Agora nós não temos mais nada disso, a inflação está controladinha, quietinha no seu lugar. Tem gente até com saudade porque ganhava dinheiro com a inflação – menos o pobre – e ganhava muito. Aliás, o governo federal, os governos estaduais e os prefeitos adoravam que tivesse um pouco de inflação porque ganhavam dinheiro. Agora acabou, quem quiser ganhar dinheiro vai ter que trabalhar.

Depois, os juros estão caindo, nós não temos mais que falar do FMI porque não devemos mais nada, não devemos mais ao Clube de Paris. Não há, portanto, nenhum momento mais extraordinário para a gente planejar o futuro, com um presente sólido, do que agora. Agora, quando eu discuto política econômica, e eu discuto muito política econômica, é a primeira vez na história deste País que o governo senta para discutir política econômica sem estar discutindo crise. Sabe aquele negócio de você tratar do paciente sem ele estar doente? Antigamente não, entrava em coma a toda hora, na UTI. Agora não, agora o paciente está na rua, tranqüilo, correndo uma hora por dia, ainda faz alongamento, faz um monte de coisas. Agora a gente pode discutir as coisas sem sobressaltos.

Quem de nós, aqui, imaginava que o Brasil iria chegar, no mês de junho de 2007, com mais de 140 bilhões de dólares de reservas? Vamos ser francos, quem imaginava? Quem imaginava que a gente fosse ter a quantidade de meses consecutivos de crescimento da economia, de redução dos juros e de aumento do emprego? Tudo isso está acontecendo porque nós construímos isso juntos.

Eu acho, Marta, que a questão do turismo não é só dinheiro, não é só aeroporto, não é só porto, não é só estrada, é um estado de espírito. O turismo é, sobretudo, um estado de espírito. Agora, companheira Marta, companheiros empresários e companheiros governadores, eu vou dizer uma coisa que já falei outras vezes e vou repetir aqui. Qual é o estado de espírito que um cidadão comum deste País tem para se levantar do sofá numa sexta-feira, comprar uma passagem e viajar para um estado? O que a gente vê de bonito na imprensa brasileira? Quais são as mensagens que nos provocam a viajar no final de semana? Não tem. Se fala de Pernambuco, é morte; se fala do Ceará, é morte; se fala da Bahia, é morte. Aí a pessoa diz: “espera aí, eu não vou sair daqui

não, eu vou ficar dentro de casa” e ainda olha, vê se não tem uma fresta, para não vir uma bala perdida. Ora, essa é uma parte da história do País, mas há uma outra parte que nos motiva a viajar e nós não temos essa provocação.

Os estados brasileiros, meu caro Alcides, meu caro Cid, meu caro Jaques Wagner, meus companheiros governadores, meu caro Binho, se você quiser que o Acre seja conhecido você tem que colocar a propaganda do Acre em São Paulo, no Rio de Janeiro, em Minas Gerais. Não basta ficar falando bem do Acre dentro do Acre, os acreanos já sabem. Agora, se fizer isso vão dizer: “está gastando dinheiro”. Já vão ao Ministério Público abrir um processo, já vai um deputado da oposição criticar, já vai fazer um monte de coisa, porque neste País ainda há um tipo de gente que precisa ter muita desgraça para ele poder existir.

Eu lembro quando nós fizemos a feira em Dubai, o Furlan gastou 500 mil dólares para fazer uma feira. O que diziam? “Está gastando 500 mil dólares, está jogando fora 500 mil dólares.” Só no primeiro dia ganhamos 56 milhões com a nossa feirinha. Mas isso não apareceu.

Então, companheiros, como o turismo é um estado de espírito, vocês têm que assumir, cada governador precisa mapear onde é que está o seu potencial visitante, e é aquele potencial, Ana Júlia, que tem que colocar na televisão. Não é fazer propaganda de Belém em Santarém, não, é fazer propaganda de Belém em São Paulo, no Rio de Janeiro, no Rio Grande do Sul, em outros estados que têm maior poder.

Bem, nós temos um outro problema. Quando as pessoas chegam nos nossos aeroportos, o que acontece? Nós não temos ninguém para recebê-los. Eu sempre fiz questão de elogiar a Bahia. Mantenham, pelo amor de Deus. A Bahia era um estado em que a gente chegava e tinha umas afrodescendentes bonitas, simpáticas, vestidas de baiana, com uma fitinha do Bonfim para colocar na gente. A fitinha do Bonfim está difícil de cair, viu Wagner, porque agora é sintética, precisa fazer de algodão a fitinha, senão o desejo da gente demora muito para acontecer, rapaz, precisa facilitar esse desejo.

Mas a Bahia era o único estado brasileiro em que a gente chegava e tinha lá gente para nos receber, para agradar, para falar: “bom dia, seja bem-vindo ao meu estado.” Porque nós queremos ser bem tratados, nós queremos ser tratados com carinho. Mesmo que desça aquele executivo carrancudo de

manhã, porque perdeu um negócio e não responde ao bom dia, não tem problema, no outro dia ele fala, no outro dia as coisas vão acontecer com ele e ele vai voltar sorridente.

Então, os governadores precisam tratar de fazer essas coisas, porque isso aumenta a auto-estima das pessoas. Agora, se as pessoas ficam sabendo, eu vou para o Rio de Janeiro: “cuidado no Rio de Janeiro que os taxistas dão voltas a mais com você e você pode ser assaltado na Linha Vermelha.” Aí o cara fala: “bom, eu vou sentar e vou ver um enlatado na televisão a cabo, aqui.” E eu pensava que o enlatado, Marta, era porque o Brasil era um país pobre e que os enlatados vinham para cá em péssima qualidade. Não, os enlatados são universais, ou seja, você chega na Alemanha, em qualquer lugar do mundo em que você chega, os enlatados são os mesmos, os desenhos são os mesmos. Dá a impressão que você está em casa, porque os filmes repetem 80 vezes. Tem hora que você já fala bom dia para a artista, boa noite, porque eu nunca vi coisa tão cara, a gente paga tão caro e não tem nada de novo. É impressionante a mesmice dessas TVs a cabo. Então, o cidadão, ao invés de viajar, ele fica em casa vendo televisão, brigando com a mulher. A mulher vai fazer a limpeza no pé dele e ele já dá um coice. Aí chega o genro, já toma a cerveja gelada dele que está na geladeira. A carne estava para dois, já vem quatro para comer, porque quando vem o genro, vem a filha e vem o filho junto.

Então, nós precisamos, como diz o bom companheiro, bulir, nós precisamos bulir com o estado de espírito do povo brasileiro. É por isso que no PAC nós colocamos 40 bilhões de reais para saneamento básico, porque não pense, viu Ana Júlia, que tem turismo em favela, não. Palafita, turista não gosta disso. Turista gosta de monumentos históricos, turista gosta de museus, de restaurantes bons. Então, essas coisas nós precisamos criar. Quando tiver o turismo ideológico, aí nós fazemos um pouco das desgraceiras que eles gostam de ver, mas o turismo social...

Eu quero pedir desculpas para vocês por ter falado tudo isso, mas é que eu acho que é assim mesmo, não tem outro jeito. Sair de casa é efetivamente um estado de espírito, você tem que estar convencido, você tem que levantar, tudo dentro de casa tem que estar com energia positiva, tem que estar com humor, a mulher tem que acordar: “amorzinho, vamos, amorzinho”, porque se ela começar xingando, o marido já não vai, já bota o cuecão, fica deitado ali

mesmo e não sai. Então, nós poderemos mudar este País se a gente mudar o nosso estado de espírito. O resto é o resto.

Muito obrigado.